

O PIB (IN)SUSTENTÁVEL

No mundo todo, os economistas começam a rever a maneira de se medir a riqueza nacional. Querem analisar a melhoria da sociedade e o desenvolvimento em múltiplas dimensões

Em paralelo à discussão em torno do que pode ou não deter a expansão econômica, há uma polêmica pouco conhecida do grande público, mas cada vez mais intensa no meio acadêmico: qual é, afinal, a melhor maneira para se medir o avanço das nações no século 21? O termômetro mais conhecido e aceito, o produto interno bruto (PIB), vem sendo questionado por diferentes correntes de pensamento. "Apesar de todas as revisões e atualizações, o PIB já não consegue ler com precisão os avanços do país", diz Marcelo Neri, pesquisador e economista da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. "Desde 2005, o Brasil cresce tanto quanto na época do Milagre Econômico, mas com mais distribuição de renda, sem dívida e sem inflação. O PIB não foi capaz de mostrar esses avanços com a rapidez necessária." Para Neri, o termômetro mais efetivo sobre a evolução do país tem sido a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Outra corrente, que defende o crescimento econômico em equilíbrio com o meio ambiente e o bem-estar do homem, acredita que o atual PIB deveria incorporar indicadores capazes de medir custos e avanços sociais e ambientais gerados pelo processo produtivo. "O PIB, e mesmo o PIB per capita, nunca foram, não são e jamais serão medidas de desenvolvimento", diz o pesquisador e economista José Eli da Veiga, da Universidade de São Paulo (USP). O tema ganhou tal projeção que, em janeiro deste ano, o presidente da França, Nicolas Sarkozy, convidou o prêmio Nobel norte-americano Joseph Stiglitz para coordenar a criação de um novo PIB, capaz de mostrar a melhoria de uma sociedade de forma mais "adequada". "Ninguém ainda foi bem-sucedido em criar um novo modelo para o PIB", diz o economista. "Se Stiglitz conseguir, acredita-se que haverá uma revolução na economia."

Veiga é um dos economistas brasileiros preocupados com o mesmo tema. Doutor em economia pela Sorbonne, na França, fundou o Núcleo de Economia Socioambiental (Nesa) da USP e escreveu 15 livros sobre desenvolvimento sustentável. Neste momento, pesquisa o mesmo tema na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, de onde concedeu a seguinte entrevista a Época NEGÓCIOS:



ELI DA VEIGA O crescimento não se mede apenas pela velocidade, mas pela direção

Qual a diferença entre crescimento e desenvolvimento?

Em nossos tempos, crescimento econômico intensivo é um dos meios que permitem atingir o desenvolvimento – seja qual for a idéia que dele se faça. Não é o único meio, nem garante sozinho que tal fim seja atingido. Mas, na imensa maioria dos países, ainda é indispensável, assim como não se pode fazer uma feijoada sem feijão, por mais que variem os demais ingredientes. Problema gravíssimo, portanto, é a confusão ainda generalizada que se faz entre o que é fim e o que é meio. Ela leva muita gente a só se preocupar com a velocidade do crescimento, sem sequer pensar em sua direção. Mas a velocidade é irrelevante quando se pega a direção errada, dizia Gandhi. A experiência mostra que existem muitos estilos de crescimento, ou várias qualidades de crescimento, conforme se prefira a terminologia da Cepal ou do Banco Mundial.

O Brasil está comemorando a expansão do produto interno bruto (PIB). Em sua opinião, o PIB é a melhor ferramenta para se medir o desenvolvimento de uma nação?

O PIB, e mesmo o PIB per capita, nunca foram, não são e jamais serão medidas de desenvolvimento. Esse é, infelizmente, um equívoco ainda muito freqüente e extremamente perigoso. O PIB foi concebido para ser apenas uma medida da riqueza nacional e de seu aumento. Mas nem isso consegue mais medir, pois está completamente obsoleto. Foi concebido ao final da Segunda Guerra Mundial, quando questões que hoje são estratégicas nem sequer podiam fazer parte das preocupações que levaram à padronização das contabilidades nacionais. Mudou até a própria idéia de riqueza. Não é por outro motivo, aliás, que o presidente da França, Nicolas Sarkozy, acaba de convidar dois prêmios Nobel – Joseph Stiglitz e Amartya Sen – para liderarem a construção de um indicador que substitua o PIB.